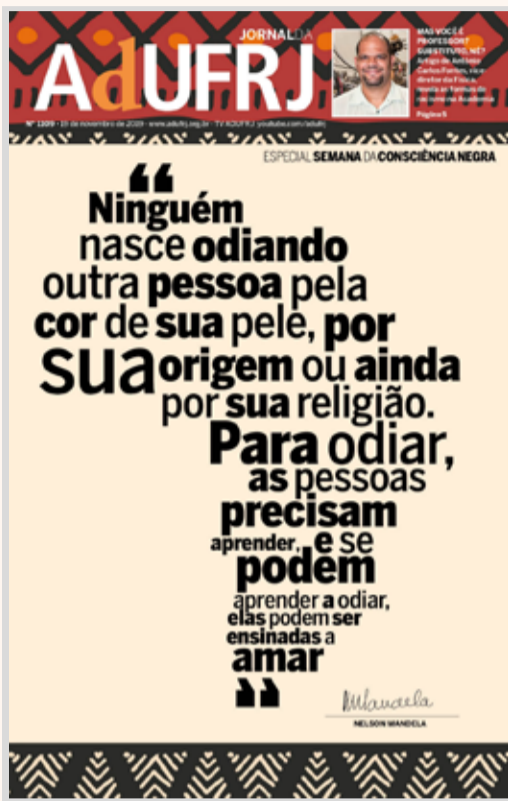


ELEIÇÃO DO ANDES Duas chapas, uma da situação e outra de oposição, disputam a diretoria do sindicato nacional dos docentes. A votação será virtual. A UFRJ tem o maior colégio eleitoral do país



DIRETORIA DA AdUFRJ FAZ BALANÇO DE UM ANO DE GESTÃO

Muita coisa realizada em pouco tempo e muito mais por fazer em menos tempo. É assim que a diretoria da AdUFRJ avalia os primeiros 12 meses de gestão. Levantamento sobre as atividades realizadas durante a pandemia mostra que a diretoria convocou 13 vezes o Conselho de Representantes. A comunicação com os sindicalizados foi priorizada. O jornal aumentou. Foram 33 edições e 280 páginas. As ações nas redes sociais também cresceram, com quase 160 mil acessos no Facebook. No cotidiano da universidade, a AdUFRJ atuou fortemente em todos os debates sobre o calendário acadêmico e os dilemas do ensino remoto. A convicção da diretoria é de que todo esse esforço fortalece o sindicato e é a melhor forma de defender a Educação dos ataques sistemáticos do governo federal. **Páginas 2, 3, 4 e 5**



BALANÇO

MUITO ALÉM DOS VENTOS DE MAIO

DIRETORIA DA AdUFRJ (2019-2021)

Quando tomamos posse em 15 de outubro de 2019, tínhamos a clara noção de que as coisas não seriam fáceis para a nossa chapa Ventos de Maio – uma homenagem e um compromisso com a força das ruas que, em maio de 2019, foram tomadas por uma intensa mobilização contra a truculência e os cortes na Educação impostos pelo governo Bolsonaro. Após várias sequências de impérios do pior ministro da história, que ocupava a pasta da Educação, e a apresentação do Future-se, não havia nenhuma dúvida quanto ao caráter belicoso e destrutivo de quem estava no Palácio do Planalto a nos governar. O nosso primeiro entendimento era o de que, mais do que nunca, a AdUFRJ seria necessária. Necessária em suas tradicionais funções sindicais, mas não só. Era preciso ampliar e aprofundar os laços de solidariedade entre nós, chegar até os jovens docentes recém-concursados e decifrar quais novos papéis poderíamos desempenhar. Se estávamos diante de um governo que atuava de modo sem paralelo em nossa história, seria preciso também encontrar novas respostas para enfrentá-lo.

E para isso começamos a nos preparar, retomando uma rotina de reuniões do Conselho de Representantes e preparando visitas às unidades que estavam sem representação. Também começamos a preparar um Censo que abarcaria a totalidade dos professores que estão ativos na UFRJ. Um Censo que nos trouxesse um perfil renovado e preciso de quem somos, mas principalmente, o que esperamos da universidade e de nosso sindicato. Também iniciamos uma ampla campanha em defesa da Educação Pública, integramos com os outros sindicatos da área, além de estudantes e técnicos, uma ampla frente para organizarmos nossa resposta de modo unitário, fortalecendo e buscando repetir a boa lição dos ventos de 15 maio de 2019: todos juntos em defesa da Educação, da democracia e da vida. Nossa última participação nas ruas foi no dia 9 março, na marcha unificada das mulheres. Estávamos preparados para mais uma jornada de mobilização no dia 18 de março quando, no dia 16, iniciamos esse longo período de quarentena, isolamento, e agora, distanciamento social. Inicialmente ficaríamos em casa 15 dias, o que já parecia um longo tempo. Depois, suspenso qualquer prazo, os mais pessimistas falavam de três ou até mesmo em longuíssimos seis meses, o que parecia a todos nós algo impensável. Mas é precisamente isso que caracteriza 2020: estamos vivendo o impensável. No impacto inicial das primeiras medidas, nos preparamos o mais rápido possível para garantir uma presença real na vida da UFRJ, participar de algum modo e contribuir com o grande esforço que a universidade começava a fazer para enfrentar uma pandemia que não sabíamos ainda a extensão nem a intensidade com que ela se abateria sobre nós. Os prognósticos eram os mais preocupantes e não poderíamos nos manter à margem de todos esses acontecimentos.

De imediato, adquirimos duas assinaturas do Zoom, que em pouco tempo iria se consolidar como a plataforma mais utilizada para as reuniões de todo o tipo. Foram duas assinaturas porque disponibilizamos uma para todos os docentes que a solicitassem, seja para

A primeira preocupação: ninguém solta a mão de ninguém!

Como estariam os professores? Precisaríamos de algum apoio? E aqueles que vivem sozinhos, como estariam passando? E nós, como estamos no meio desse vendaval? Assim nasceu o “Tamo Junto”, encontro informal, *happy hour* de sexta-feira, para conversar fiado, ouvir histórias, manter a possibilidade do encontro e do afeto em meio a tanta dificuldade.

a manutenção de grupos de pesquisa, reunião das unidades, e até mesmo congregações e outras atividades institucionais. Não era hora de parar, nem de nos afastar. A segunda assinatura ficou disponível para as atividades da AdUFRJ.

A primeira preocupação: ninguém solta a mão de ninguém! Como estariam os professores? Precisaríamos de algum apoio? E aqueles que vivem sozinhos, como estariam passando? E nós, como estamos no meio desse vendaval? Assim nasceu o “Tamo Junto”, encontro informal, *happy hour* de sexta-feira, para conversar fiado, ouvir histórias, manter a possibilidade do encontro e do afeto em meio a tanta dificuldade.

Dessa primeira conversa, convocamos também o nosso Conselho de Representantes. Inicialmente tivemos reuniões semanais, com a presença em vários encontros do Vice-reitor, da Reitora e Pró-reitores de diversas áreas. Desde logo, a UFRJ se posicionou como uma das instituições líderes no combate ao novo coronavírus, seja no acesso hospitalar aos doentes mais graves, seja na produção de testes diagnósticos e na pesquisa continuada em possíveis tratamentos. No entanto – como bem sabe quem vive o cotidiano da universidade – há um déficit estrutural em muitas unidades, fazendo com que o desenvolvimento dessas atividades (ainda mais em época de crise) ficasse comprometido. Nós nos propusemos então a ajudar financeiramente muitas iniciativas durante a pandemia, como a doação de vários equipamentos de TI para o Hospital Universitário, assim como a compra de equipamento essencial para o IPPMG e apoio com suprimentos a vários laboratórios. Embora o sindicato tenha algum dinheiro, ele nada mais é do que uma gota no oceano de necessidades que essas ações exigem.

Entretanto, entendemos que tínhamos uma carta na manga que poderia ser muito útil: a agilidade e rapidez nas compras emergenciais, acelerando a resolução de problemas. E foi desse modo que atuamos.

Não eram só as nossas questões que nos preocupavam. As parcelas mais vulneráveis da universidade também precisavam de ajuda, mas não daríamos conta de fazer tudo isso sozinhos. E nem estávamos sós. Todas as entidades da UFRJ se mobilizaram para dar alguma assistência emergencial aos mais vulneráveis e foi da união de nossos esforços que nasceu o FORMAS – Fórum de Mobilização e Ação Solidária – que reúne as nossas 5 entidades representativas: AdUFRJ, DCE, SINTUFRJ, APG e ATTUFRJ. Realizamos inúmeras doações de cestas básicas, apoiamos diversas campanhas de solidariedade, e ainda organizamos alguns eventos para arrecadarmos recursos, como as lives da “Arte de ficar em casa”.

Durante esses primeiros meses de pandemia, todas as atividades on-line que realizamos tiveram um número grande de participantes. O fato de termos agido com rapidez, permitiu que criássemos um importante polo de informação e debates na nossa UFRJ. Nosso jornal semanal ampliou seu conteúdo: tivemos 33 edições, com 280 páginas de conteúdo de qualidade. Tudo isso confirma o que pensávamos lá atrás, quando tomamos posse: o sindicato é mais necessário que nunca. Mas não podíamos imaginar o quanto. Não realizamos o nosso censo, embora tenhamos a esperança de que ainda possamos vê-lo de pé no próximo ano. Mas a vida nos obrigou a colocar em prática novas formas de lutas, novas possibilidades de interação e atuação sindical.

O reinício das aulas de forma remota, primeiro no PLE e em breve de modo regular, está a nos exigir um esforço ainda maior. Já sentimos o efeito disso em todos nós: menos pessoas nas reuniões, mais dificuldade de ajustarmos as agendas. Todos muito mais cansados, e poucas respostas sobre como isso tudo terminará. Completamos sete meses de suspensão das atividades presenciais na UFRJ, mas o cenário para um retorno “à normalidade” é ainda muito nebuloso. O governo também não nos deu trégua, mas tivemos algumas vitórias ainda que parciais. Fizemos o que foi possível. Sentimos que é hora de um pequeno balanço para entendermos melhor o que se passa e como poderemos caminhar daqui para frente.



PRA NÃO PARAR NEM VOLTAR ATRÁS

DIRETORIA DA AdUFRJ (2019-2021)

Chegamos a outubro de 2020 com algumas vitórias, mas nada que nos autorize alguma comemoração. O Future-se, versão 1 e 2, continua em alguma gaveta do Congresso. As sucessivas tentativas de cortes salariais do funcionalismo não vingaram, assim como as tentativas de não aprovar o FUNDEB foram rechaçadas. Hoje, uma liminar contém a fúria intervencionista do governo na escolha dos reitores das universidades. Mas esses exemplos apenas servem para nos lembrar que se esse governo não conseguiu fazer tudo o que queria, o estrago que já está fazendo com o desmonte do Estado brasileiro, a desestruturação de áreas estratégicas, a irresponsabilidade sanitária, o horror com a política ambiental é grande o suficiente para termos a certeza que não poderemos descansar tão cedo. O Projeto de Lei Orçamentária – PLOA – que regerá o orçamento de 2021 será desastroso para as universidades. As restrições orçamentárias que estão previstas, aliadas à desastrosa Reforma Administrativa, terão sobre as universidades um efeito tão ou mais devastador do que aquele previsto no maldado Future-se. Estamos lidando com um governo que nos trata como inimigos, e por isso mesmo, nossa ação em âmbito nacional nunca foi tão importante. Desde que tomamos posse, temos atuado e fortalecido todos os fóruns tradicionais do ANDES, enviamos a maior delegação de nossa história ao congresso da entidade, estivemos nos CONADs convocados virtualmente durante a pandemia, e estamos participando das eleições para a sua diretoria. Mas continuamos a apostar também em novas articulações, que não dispersem forças nem disputem espaços com as entidades representativas, mas que nos ofereçam novas possibilidades de intervenção no debate nacional. Por isso, fortalecemos a atuação do Observatório do Conhecimento, criado em 2018, como espaço de diálogo e convergência de agendas e lutas com outras ADs, junto às entidades científicas, movimentos sociais da educação, frentes parlamentares alia-

das. Conseguimos nos inserir em articulações nacionais no Congresso como o recente ato em defesa do orçamento para a Educação e também nas redes, com o tuitaço que marcou o primeiro ano de Weintraub no MEC, em 7 de abril, quando a hashtag criada pelo Observatório “#piorministrodahistoria” foi trending topic no Twitter. Também marcamos presença no 15 de maio virtual, que foi marcado pela vitoriosa pauta do #AdiaEnem, onde realizamos diversas projeções pela cidade.

Para além das pautas tradicionais e enfrentamentos nacionais, e apesar das restrições que a vida virtual nos tem imposto, fizemos um grande esforço para pautarmos questões já nem tão novas, mas que ainda reclamam uma atenção maior de todos nós. Foram os debates que organizamos durante o Festival do Conhecimento, o CineAdUFRJ, as Pílulas Antimonotonia e agora o nosso recém-lançado Café com Ciência e Arte, programa na Rádio UFRJ, que estreou no dia 16 de outubro. Também fizemos um esforço de aproximação com a SBPC, especialmente na Marcha pela Ciência, #Pactopela vida, no dia 7 de maio, quando a TV AdUFRJ transmitiu toda a programação regional da SBPC.

Mas nada nos atingiu de forma mais dramática do que a suspensão das atividades presenciais, em especial, as atividades didáticas. Acompanhamos essas discussões em todas as instâncias em que nos foi possível estar, organizamos debates públicos, reuniões plenárias com docentes, assembleia. A implantação do PLE – período letivo excepcional – se deu de forma muito heterogênea, gerando um quadro de disparidades internas muito acentuadas, dificultando enormemente a definição do calendário para os períodos regulares. O ensino remoto, implantado mundialmente com a pandemia, ainda precisará de muita discussão entre nós. Na iniciativa privada, sustentado por poderosos interesses econômicos, tem significado superexploração e precarização das relações de trabalho. Entre nós, após esses primeiros meses de experiência com o PLE, já sentimos a sobrecarga e a dificuldade da transposição de nossas aulas presenciais

para a forma remota. Não é uma operação simples, e para aqueles que desejam manter a qualidade de seu trabalho, o esforço é bastante significativo. Mas ao mesmo tempo, esse longo e tortuoso processo, que nenhum de nós escolheu viver, mas que a fatalidade fez com que atravessasse o nosso caminho, poderá nos obrigar a debates que há muito estavam adormecidos e que hoje reclamam respostas mais consistentes. Quais são os ganhos que as ferramentas tecnológicas podem oferecer para o processo de formação dos nossos estudantes? Como poderemos nos apropriar de forma o mais construtiva possível de tudo isso? Como essas experiências poderão repercutir no nosso trabalho presencial?

Estamos apenas iniciando uma longa caminhada a respeito dessas questões. Há um complexo e diversificado universo de questões que estão a exigir de nós melhores respostas. Há uma pauta clara de reivindicações nacionais que precisam ser encaminhadas, pois não é possível que tenhamos que arcar com todos os custos dessas atividades. No âmbito da UFRJ, ainda será preciso definir como todo esse período irá impactar a avaliação de desempenho e as nossas promoções e progressões. E a carga horária, como será computada? E as pessoas – em sua maioria as mulheres – que se desdobram no cuidado de familiares, especialmente as crianças que estão em casa, também privadas das suas atividades escolares? Como estão sendo os processos de avaliação?

Enfim, não poderemos nem mesmo nos dar ao luxo de fazermos uma pausa para o balanço. Vamos seguindo com a imagem que também já virou lugar comum nessa pandemia: estamos trocando o pneu com o carro andando, ou consertando o avião em pleno voo. Recolhemos um pouco do que fizemos até agora, que aliás foi bastante. Na verdade, foi o possível, mas o momento é de tal gravidade que reconhecemos que não foi tudo que precisávamos fazer... É certo que podemos fazer ainda mais, mas dependemos que isso seja uma decisão de todos. A rigor, esse balanço tem um único objetivo, que é ressaltar o quanto ainda poderemos fazer. E o quanto ainda precisamos da AdUFRJ presente na vida da universidade. Contamos com a participação de todos!

INTERVENTÔMETRO

14

SOFERAM INTERVENÇÃO:
Nomeado o 2º colocado:
UFES – UFTM – IFSC

Nomeado o 3º colocado:
Unifesspa – UFRGS – UFFS
– UFRB – UFC – UFRSA – UFVJM

Nomeado não participou do processo:
UNIVASF – IFRN – UFGD

Nomeado de fora: CEFET-RJ

2
COM ELEIÇÃO EM ANDAMENTO:
UFPEL – UFU

1
CASO SINGULAR: UNIRIO – nomeado não participou da consulta, mas venceu no Colégio Eleitoral

14
AGUARDAM DECISÃO DO PRESIDENTE:
UnB – UNIR – IFMA – UFPA – UFPI – UFS – UNIFEI
– UFGAR – IF FARRROUPILHA – IF NORTE DE MINAS GERAIS – IF RORAIMA – UFPR – UFPEL – UFU

RESPEITO É NOMEAR O PRIMEIRO DA LISTA

O ministro Gilmar Mendes, do STF, interrompeu a votação de uma ação que pode obrigar o governo Bolsonaro a respeitar a autonomia das universidades na escolha de seus reitores. No dia 15, o ministro pediu destaque e enviou o processo para julgamento presencial na Corte. Não há previsão para realização da sessão. Até aquela data, os ministros Edson Fachin (relator), Carmen Lúcia e Celso de Mello já votaram eletronicamente que o presidente deve nomear o nome indicado em primeiro lugar nas listas tríplices enviadas pelas instituições. A Ação Direta de Inconstitucionalidade movida pelo Partido Verde questiona a postura de Bolsonaro, que já interveio na eleição de 14 universidades e institutos federais. Catorze instituições aguardam uma decisão

do presidente. Uma delas, pela proximidade geográfica com o poder, preocupa bastante a comunidade acadêmica: a Universidade de Brasília (UnB). A reitora Márcia Abrahão, reeleita pela comunidade com vitória em todos os segmentos, é uma crítica feroz da política do atual governo. O mandato da professora vai até 23 de novembro. Na Federal de Rondônia (UNIR) e na Federal do Sergipe, o mandato dos atuais dirigentes segue o mesmo prazo. Em outras, vence mais cedo: na UFPI e na UFSCar, até 8 de novembro; na UFPB, 16 de novembro. Na Federal de Itajubá (Unifei) e na UFPR, somente em 18 de dezembro. Na Federal de Uberlândia, até 26 de dezembro. Na Federal de Pelotas, até 10 de janeiro de 2021. No Instituto Federal do Maranhão, o mandato do atual diretor já se encerrou. Ele segue como pró-tempore. Nos institutos Farrroupilha e do Norte de Minas Gerais, os mandatos acabam, respectivamente, nos dias 26 e 28 de outubro. No instituto de Roraima, até 11 de novembro.

AdUFRJ age com rapidez e intensidade na quarentena

JORNAL

Desde o primeiro dia do isolamento social, a AdUFRJ produziu os jornais semanais com a mesma regularidade de antes da pandemia. As edições online “bombararam” nas redes com muito conteúdo. Foram 33 edições, ou 280 páginas, no período. Entre elas, merece destaque a publicação comemorativa dos 100 anos da UFRJ, de 7 de setembro. As 411 pessoas que manifestaram interesse receberam em casa um exemplar impresso. As demandas para a Comunicação, que não faz só o jornal, cresceram tanto que exigiram a contratação de mais um jornalista e dois estagiários.

RÁDIO ADUFRJ

O “AdUFRJ no Rádio” estreou no dia 16 de outubro. A atração vai ao ar todas as sextas-feiras, às 10h, com reprise às 15h, pelo site da Rádio UFRJ: www.radio.ufrj.br

REDES SOCIAIS

Os perfis da AdUFRJ na rede tiveram um salto significativo de desempenho no período.

- A página do Facebook ganhou mais de 800 seguidores e recebeu 159 mil acessos. As publicações foram vistas mais de 1,2 milhão de vezes;
- No Twitter, aumento de 29% no número de seguidores, com mais de 163 mil visualizações do conteúdo;
- O perfil no Instagram, criado em 9 de março, alcançou 805 seguidores.

TV AdUFRJ

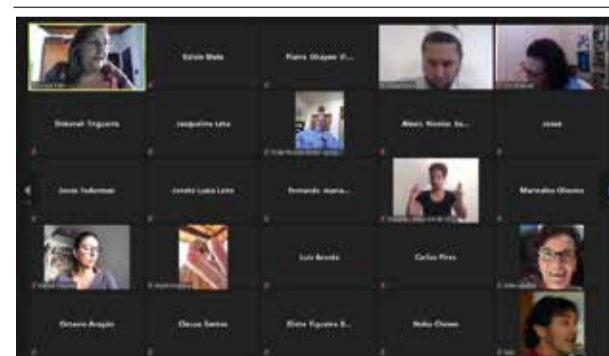
Foram 50 vídeos veiculados, sendo seis Pilulas Anti-monotonia – um programa especial produzido pela AdUFRJ com especialistas –, três mesas no Festival do Conhecimento e cinco da Marcha Virtual pela Ciência, entre outros. Houve mais de 1.200 inscritos (aumento de 143% em relação ao período pré-quarentena), com mais de 36 mil visualizações nos nossos vídeos.

REUNIÕES DO CONSELHO DE REPRESENTANTES

Foram 12 encontros, alguns com convidados especiais para subsidiar os debates entre diretores e conselheiros. Nos dois primeiros, as estratégias da UFRJ para enfrentar a pandemia do coronavírus e a defesa de direitos da comunidade acadêmica foram os temas principais: em 26 de março, com o vice-reitor Carlos Frederico Leão Rocha; em 30 de março, com a reitora Denise Pires de Carvalho. Depois, as reuniões se voltaram para pontos mais específicos: o conselho de 6 de abril discutiu as ações da Extensão com a pró-reitora Ivana Bentes; o de 13 de abril avaliou a situação econômica do país com as professoras Marta Castilho e Esther Dweck. Maio começou com duas reuniões para tratar da regulamentação do trabalho remoto na universidade: a do dia 4, com a advogada Ana Luisa, da AdUFRJ; a do dia 11, com a pró-reitora de Pessoal, Luzia Araújo. A reunião de 29 de junho contou com a apresentação do pró-reitor de Planejamento, professor Eduardo Raupp, sobre a retomada gradual das atividades e os respectivos condicionantes. E a de 16 de julho ouviu os representantes do DCE e da APG sobre o ensino remoto.

PLENÁRIA VIRTUAL

Para escutar as demandas dos professores de diversas áreas do conhecimento, a AdUFRJ organizou uma plenária virtual no dia 13 de julho. O encontro mobilizou 113 docentes.



ASSEMBLEIAS

A diretoria convocou três assembleias no período. Uma para os professores opinarem sobre diversas questões relativas ao calendário acadêmico, em 28 de agosto. Um conjunto de 235 docentes respondeu ao questionário proposto pela direção da AdUFRJ. E mais duas – no fim de julho e no fim de setembro – para deliberar sobre a escolha da delegação da AdUFRJ aos dois Conselhos de Associações Docentes do Andes, os Conads, realizados no período. A de 27 de julho entrou para a história como a primeira assembleia virtual da entidade.

ZOOM

Ao mesmo tempo em que os docentes tiveram de se adaptar à realidade do isolamento social, foi necessário ter acesso a ferramentas para viabilizar os encon-

KELVIN MELO

kelvin@adufjr.org.br

Manter o funcionamento do sindicato em defesa dos interesses dos professores e da universidade num dos momentos mais difíceis da centenária história da UFRJ. Este foi o desafio que a direção da AdUFRJ abraçou durante a pandemia e sob um governo que trata a Ciência e a Educação como inimigas. Uma história que o jornal da associação conta nas 33 edições produzidas desde o início da quarentena, todas as semanas.

Um desafio até aqui enfrentado com uma ventania de ideias e ações. Não poderia ser diferente para uma

diretoria que, na campanha eleitoral, batizou a chapa com o nome “Ventos de Maio: Juntos pela Universidade. Não vamos parar nem voltar atrás”. “Conseguimos dar uma resposta rápida. Enquanto a universidade ainda discutia o que fazer, a AdUFRJ já estava com várias atividades no ar, como o Conselho de Representantes remoto. A agilidade nessa hora ajudou muito os professores”, comemora a presidente Eleonora Ziller.

Além das tradicionais reuniões sindicais, como as assembleias, muitas iniciativas precisaram ser reinventadas ou criadas para acolher os docentes no meio remoto. Agendamento de reuniões pelo aplicativo Zoom, plantão jurídico virtual, cineclube, instalação do FORMAS – instância que congrega os sindicatos e representações estudantis da UFRJ. E muito mais. Entre todas, Eleonora elege o Sextou/

Tamo Junto como a atividade que mais gosta de fazer, nesse período. “É um bate-papo. Um ponto de encontro e de relaxamento. Temos um grupo de 20 a 30 pessoas que está sempre ali”, afirma.

A presidente da AdUFRJ identifica que o ritmo das diversas reuniões e a presença das pessoas diminuiu, com o passar dos meses. Algo natural, após a universidade retomar as aulas. “Existe uma saturação com o ambiente remoto”, avalia. Mas isso não quer dizer que o sindicato vai parar com as novidades. A direção quer fazer uma avaliação do Período Letivo Excepcional. Além de debater as progressões e promoções e as dificuldades dos docentes que cuidam de crianças pequenas ou idosos na quarentena.

Vice-presidente da AdUFRJ, o professor Felipe Rosa acrescenta que uma consultoria aos professores para

o ensino remoto também está a caminho. “Achamos melhor começar a partir do início do ano que vem”. Felipe está animado com uma das ações mais recentes da AdUFRJ: a criação de um programa do sindicato no Rádio UFRJ. “Esperamos falar não só para os professores, mas comunicar para fora. O rádio é um meio com penetração muito grande em camadas de população que não têm muita familiaridade com a universidade”, diz.

Outro orgulho do professor são as doações da AdUFRJ às unidades e a setores vulneráveis da universidade. “Foi um consenso na diretoria que a gente deveria ajudar as unidades em atividades relacionadas à pandemia, mas não só”, completa.

Confira, nestas páginas, uma síntese da atuação sindical nos 221 dias da quarentena.

a Comissão de Formas Alternativas de Ensino estão ativos.

- A AdUFRJ e o Sintufjr também fizeram parte de um GT organizado pela reitoria para propor mudanças na regulamentação do trabalho remoto da UFRJ.



DOAÇÕES

Do início da quarentena até 14 de outubro, a AdUFRJ realizou 55 doações, que somaram R\$ 339,6 mil. As maiores foram direcionadas para a compra de: material hospitalar para o IPPMG (R\$ 100,1 mil), materiais de informática para o Hospital Universitário (R\$ 80 mil), material médico e hospitalar para o Campus Macaé (R\$ 40 mil) e material de exames do Laboratório de Virologia Molecular (R\$ 25,7 mil).



FESTIVAL DO CONHECIMENTO

A AdUFRJ participou do maior evento da UFRJ durante a pandemia com 3 mesas: Ciência e Tecnologia em afroperspectiva, em 15/07; A pandemia e a participação das mulheres na produção acadêmica e na vida política das universidades, em 20/07; e Aulas remotas em tempos de deepfakes e as inseguranças jurídicas, em 23/07.

OUTROS EVENTOS:

- Em junho, a AdUFRJ realizou cinco lives (“Terças de Junho”) em parceria com a ADUR, associação de docentes da Federal Rural do Rio, sobre temas variados.
- Em 11/08, atividade do sindicato reuniu 48 coordenadores de graduação. Carta assinada por 20 coordenadores do CEG foi publicada no jornal.
- Em 19/08, o Núcleo de Bioética e Ética Aplicada promoveu a mesa “Trabalho em tempos de pandemia e as atividades universitárias”, com os três sindicatos da UFRJ – AdUFRJ, Sintufjr e Attufjr.
- em 25/08, vice-presidente da Adufjr, professor Felipe Rosa, participou do Parangolé da Cultura na Universidade, evento organizado pelo Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.
- em 26/08, AdUFRJ organizou um debate entre a Pró-reitoria de Graduação e quatro professores de diferentes cursos sobre o calendário acadêmico.
- 08/09 - AdUFRJ participou de um debate, ao lado do Sintufjr, DCE, APG e ATTUFRJ, nas comemorações oficiais do centenário da universidade.
- No fim de setembro, a direção da Adufjr reuniu-se com representantes do grupo de docentes pais e mães do campus Macaé que reivindicam uma política universitária equânime durante a pandemia. O sindicato apoiou e ajudou a expandir a campanha.



tros virtuais. Foi com essa preocupação que a AdUFRJ adquiriu duas contas no aplicativo Zoom, de videoconferência, e criou um serviço de agendamento, no fim de março, que atende aos filiados do sindicato. O aplicativo disponibiliza uma versão gratuita, na qual é possível realizar reuniões de até 40 minutos. A conta só é necessária para encontros mais longos. Até 20/10, pela manhã, houve 510 pedidos de agendamento, com 292 reuniões realizadas e 114 docentes atendidos.

CINE ADUFRJ

Desenvolvido em parceria com o Grupo de Educação Multimídia (GEM) da Letras, o projeto debate, por meio de filmes, questões centrais da atualidade. Foram 12 encontros, desde 13 de maio, com os seguintes temas: “Ciência sob Perspectiva” (13/05); “O Universo do Trabalho e do Trabalhador” (27/05 e 10/06); “Racismo e Democracia” (01/07; 15/07; 29/07; 12/08; 26/08); “Direito à Cidade” (9/09; 23/09; 07/10); e “A Escola no Cinema” (21/10)



FORMAS

Durante a pandemia, foi criado o FORMAS-UFRJ (Fórum de Mobilização e Ação Solidária). Instância congrega AdUFRJ, Sintufjr, DCE, APG e ATTUFRJ. O lançamento ocorreu no dia 4 de maio. Objetivo é articular campanhas unitárias, como a revogação da Emenda Constitucional 95, do teto de gastos, e a defesa dos direitos de todos os trabalhadores. O Formas promoveu três lives musicais com o tema “Arte de Ficar em Casa”, nos dias 5 e 20 de junho e em 24 de julho. E, em 30 de agosto, o bloco carnavalesco Minerva Assanhada fez uma apresentação virtual de gala, em homenagem antecipada ao centenário da UFRJ. A live foi entrecortada pelas saudações da reitoria, do prefeito universitário e de representantes do Formas.

OBSERVATÓRIO DO CONHECIMENTO

A AdUFRJ integra a rede de associações docentes que defende a universidade. Logo no início de abril, o Observatório lançou a “descomemoração” de um ano de Weintraub à frente do MEC.



- No dia 15 de maio, rede liderou campanha nacional para celebrar um ano do 15M e mostrar que a Ciência salva vidas. Atividade também foi divulgada pelo youtuber Felipe Castanhari, que possui um perfil no Instagram com 5,3 milhões de seguidores. Além disso, houve projeções em quatro pontos da cidade.
- Observatório também enviou carta aberta ao Supremo Tribunal Federal contra as declarações do ministro Weintraub contra o STF. Documento foi publicado no jornal de 29/05.
- Mais recentemente, a rede organizou um ato virtual por orçamento justo para a Educação, em 17 de setembro.

SEXTOU/TAMO JUNTO

O encontro docente mais descontraído da quarentena foi um sucesso. Quase sempre com um convidado especial para desenvolver um assunto. Foram 24 reuniões virtuais às sextas-feiras.

PLANO DE SAÚDE

Jornal de 10 de julho informou a atualização da tabela do plano de saúde (rede hospitalar e laboratorial e valores)

JURÍDICO

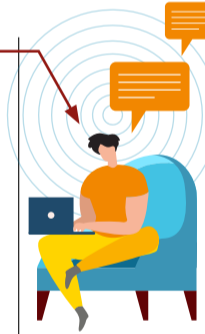
- Reuniões, análises de documentos e plantões marcaram a atuação remota do setor jurídico da Adufjr.
- Os plantões começaram em 28 de abril: sempre às terças e sextas-feiras de 15 em 15 dias, mas com algumas sextas seguidas. Já foram realizados 176 atendimentos, sem computar respostas por celular e email, que se desdobraram em ajuntamento de ações, elaboração de pareceres jurídicos e requerimentos administrativos, além das orientações jurídicas. Em julho, foi aberto um canal exclusivo para tratar de demandas relacionadas ao ensino remoto. Também houve análise e parecer da questão das férias no Período Letivo Emergencial.
- AdUFRJ e Sintufjr ingressaram na Justiça uma ação conjunta inédita contra as normas do governo de corte dos adicionais e auxílio-transporte, em 6 de maio.
- Houve acompanhamento da questão dos terceirizados junto à reitoria e apoio aos professores que sofreram cortes na parcela reembolsada pelo governo no plano de saúde. Assessoria também analisou a reforma administrativa e a Instrução Normativa nº 65, sobre a implantação de programa de gestão no serviço público.
- Mais recentemente, setor apresentou recurso ao TRF contra o corte de 26,05%.

ENSINO REMOTO

A AdUFRJ divulgou, no fim de agosto, dois documentos para fortalecer a segurança das aulas gravadas, diante do ineditismo do ensino remoto para a maioria dos professores: um termo de confidencialidade; e um sobre como preparar os vídeos no Youtube de modo privado.

NOTAS/MANIFESTAÇÕES DA DIRETORIA

- 16/03 – em nota, criticou realização de reunião presencial do Setor das Federais do Andes nos dias 14 e 15 e ato de rua no mesmo dia 15. E questionou confirmação de um indicativo de greve por tempo indeterminado aprovado no Setor.
- 16/03 – anunciou a suspensão do atendimento presencial na sede.
- 20/03 - solicitou a prorrogação das bolsas a todas as agências de fomento.
- 24/03 - Em nota divulgada no jornal, a direção da AdUFRJ criticou a confusa edição de tantas portarias, sobre a distribuição de bolsas pela Capes. Cobrou a imediata revogação da última norma e a abertura



SEXTA, 9 DE OUTUBRO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO PAPO RE: DANIEL NEGREIROS CONCEIÇÃO TEMA: ROL DOS PRECATORIOS NA LEI DE DIVIDA PUBLICA	SEXTA, 25 DE SETEMBRO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO PAPO RE: RICARDO MEDRONHO TEMA: 50 ANOS DE UFRJ	SEXTA, 11 DE SETEMBRO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO PAPO RE: ROBERTO MEDRONHO TEMA: HISTÓRIA QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA: CONSTRUÇÃO DA UFRJ	SEXTA, 4 DE SETEMBRO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO PAPO RE: MELIO MARTOS TEMA: HISTÓRIA QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA: CONSTRUÇÃO DA UFRJ	SEXTA, 21 DE AGOSTO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO RODA DE CONVERSA SOBRE O PLE E O NOVO CALENDÁRIO	SEXTA, 14 DE AGOSTO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO PAPO RE: BEATRIZ RESENDE TEMA: CULTURA COMO CASO DE POLÍCIA
SEXTA, 7 DE AGOSTO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO PAPO RE: FRANCISCO DE ASSIS ESTEVES TEMA: OLEIANDO SOU BRINCA DE BRINCA E 25 ANOS DE SUA INTERVENÇÃO EM MINHA	SEXTA, 31 DE JULHO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO PAPO RE: GÉBORA FOGAL TEMA: PAPEL SOCIAL DA UNIVERSIDADE E O ROL DO REITOR	SEXTA, 24 DE JULHO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO PAPO RE: ANA LUCIA FERNANDES TEMA: HISTÓRIA QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA: CONSTRUÇÃO DA UFRJ	SEXTA, 17 DE JULHO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO PAPO RE: ALEXANDER KELLNER TEMA: MUSEU NACIONAL - VIBANDO A PÁGINA	SEXTA, 10 DE JUNHO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO PAPO RE: MIRIAM STRUCHINER TEMA: ENSINO REMOTO E RECURSOS EDUCACIONAIS	SEXTA, 3 DE JUNHO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO PAPO RE: FELIPE ROSA TEMA: ENSINO REMOTO E TRABALHO DOCENTE
SEXTA, 26 DE JUNHO, 18H PELO ZOOM TAMO JUNTO PAPO RE: BRUNO SANZA DE PAULA TEMA: ENSINO REMOTO E A UFRJ	SEXTA, 19 DE JUNHO, 18H30 PELO ZOOM TAMO JUNTO PUXADORA DE CONVERSA: JOSIE MEDEIROS TEMA: COMO BOLSONARO USOU A PANDEMIA PARA AVANÇAR CONTRA AS INSTITUIÇÕES	SEXTA, 5 DE JUNHO, 18H30 PELO ZOOM TAMO JUNTO PUXADORA DE CONVERSA: LIV SOUZA TEMA: PUBLICIDADE E POLÍTICA: CASOS DE INSTITUIÇÕES	SEXTA, 29 DE MAIO, 18H30 PELO ZOOM TAMO JUNTO TEMA: E AGORA, JOSÉ?	SEXTA, 15 DE MAIO, 18H30 PELO ZOOM TAMO JUNTO PUXADORA DE CONVERSA: OLAVO AMARAL TEMA: CONFIDABILIDADE CIENTÍFICA EM TEMPOS DE PANDEMIA	SEXTA, 8 DE MAIO, 18H30 PELO ZOOM TAMO JUNTO PUXADORA DE CONVERSA: MARIANA PAULA TEMA: AS AMEAÇAS DO FASCISMO
SEXTA, 25 DE ABRIL, 17H30 PELO ZOOM TAMO JUNTO PUXADORA DE CONVERSA: SAMUEL ARAÚJO TEMA: MÍSTICA E POLÍTICA	SEXTA, 17 DE ABRIL, 17H30 PELO ZOOM TAMO JUNTO PUXADORA DE CONVERSA: JOSIE MEDEIROS TEMA: POLÍTICA BRASILEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA	SEXTA, 10 DE ABRIL, 17H30 PELO ZOOM TAMO JUNTO PUXADORA DE CONVERSA: LIGIA BARBA TEMA: SAÚDE PÚBLICA	SEXTA, 3 DE ABRIL, 17H30 PELO ZOOM TAMO JUNTO PUXADORA DE CONVERSA: TATIANA ROQUE TEMA: RENDA BÁSICA	TODA SEXTA, 17H30 PELO ZOOM TAMO JUNTO VENHA ENCONTRAR SEUS AMIGOS DA UFRJ E ALIVIAR OS EFEITOS DA QUARENTENA	TODA SEXTA, 17H30 PELO ZOOM TAMO JUNTO VENHA ENCONTRAR SEUS AMIGOS DA UFRJ E ALIVIAR OS EFEITOS DA QUARENTENA

LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufrrj.org.br

O anúncio de corte da ação judicial dos 26,05% (Plano Verão de 1989) ainda causa indignação entre os docentes.

Os valores serão retirados dos contracheques de quase cinco mil pessoas, entre ativos e aposentados, na folha de novembro, a ser paga no início de dezembro. E o comunicado da reitoria feito em pleno Dia do Professor só ampliou a revolta. A AdUFRJ já apresentou recurso ao Tribunal Regional Federal para reverter a medida.

“Meu sentimento é que nos tornamos números. Não existe a preocupação com o indivíduo”, afirma a professora Eliane Ribeiro, da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. “Ter recebido (o aviso) no Dia do Professor é só mais um sinal de que é isso mesmo. Não houve nenhum tipo de aproximação para falar sobre o assunto. Pegou todo mundo de surpresa”, completa.

O ganho judicial, congelado para todos em 2007, hoje representa 5,5% do salário da docente, que ingressou na UFRJ em março de 1997. “Qualquer um por cento fará diferença, ainda mais agora que estamos dentro de casa trabalhando demais”, explica Eliane. “Temos descontos altíssimos de Imposto de Renda, descontos altíssimos de contribuição previdenciária. Dizem que nós somos beneficiados, mas ninguém fala no valor que pagamos”, afirma.

Há 20 anos, a Advocacia-Geral da União (AGU) tenta tirar os 26,05% dos professores da UFRJ. E a explicação sobre a primeira tentativa de corte é importante para entender o anúncio do dia 15. O percentual foi obtido na Justiça do Trabalho. Os servidores eram regidos pela Consolidação das Leis do Traba-

26,05%



> Comunicado do corte foi feito pela reitoria no Dia do Professor. AdUFRJ já entrou com recurso para tentar reverter a decisão do STF, mas as chances são reduzidas

lho em 1989, ano das perdas do Plano Verão. E só passaram a ser regidos pelo Regime Jurídico Único em 1990.

A justificativa do governo, uma década depois, era que a decisão não teria validade, pois os docentes se tornaram servidores públicos. Mas o Tribunal Regional do Trabalho entendeu que a UFRJ não poderia cortar e que a Justiça Trabalhista teria, sim, uma competência residual. “Mas em 2018, fomos surpreendidos. A Advocacia-Geral da União fez um pedido ao Supremo Tribunal Federal, alegando que existia uma irregularidade na manutenção dessa ação na Justiça do Trabalho. O ministro Alexandre de Moraes determinou que a ação fosse para a Justiça Federal”, observa Ana Luísa Palmisciano, advogada da AdUFRJ.

Por conta dessa determinação, a universidade entendeu que deveria cortar o pagamento. “Argumentamos que não, que o processo ia para a Justiça Federal, que isso não significava corte. Foi isso que a gente conseguiu segurar em fevereiro desse ano, com o juiz da 10ª Vara



Meu sentimento é que nos tornamos números. Não existe a preocupação com o indivíduo”

ELIANE RIBEIRO
Professora da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis

Federal, que a universidade não podia cortar”, afirma a advogada. Outro argumento da AGU é que todos os reajustes recebidos pelos professores nos últimos anos teriam absorvido o valor de 1989.

A AdUFRJ defende que só existe uma decisão sobre a manutenção ou corte do valor em todo o processo: a da Justiça do Trabalho, pelo pagamento. E que a universidade nunca comprovou a absorção do valor. “A UFRJ teria que pegar a remuneração de todos os pro-

fessores ao longo do tempo, todos os reajustes, e demonstrar que eles foram maiores que os 26,05%, para então fazer o corte”, observa. “Queremos esgotar a discussão no tribunal, porque entendemos que a maior parte de nossos argumentos não foi apreciada”, conta Ana. Ainda não há previsão de um novo julgamento. Presidente da AdUFRJ, a professora Eleonora Ziller também será prejudicada. “Entre em agosto de 2006. No meu caso, a perda é de R\$ 800. Não é 26,05% do meu salário, mas também não é pouco dinheiro.

Vai fazer falta principalmente no período que atravessamos. Os preços estão em escalada, o custo de vida está aumentando e nós sem previsão nenhuma de aumento”, explica. “Não consigo imaginar época pior para isso acontecer”, diz.

Poucos sindicatos mantinham a ação judicial. “É aquele corte esperado, mas nunca desse jeito, nunca nesse dia”, avalia Eleonora em relação ao 15 de outubro. “Todas as vezes que a reitoria fez isso, a gente era avisado antes. Tanto que em fe-

vereiro estava dado como certo esse corte. A gente até chegou a anunciar. Faltavam algumas horas para fechar a folha. E aí conseguimos uma sentença que seguiu os 26,05%”, afirma.

PRÓ-REITORIA CONFIRMA ERRO NO COMUNICADO

A reportagem questionou a Pró-reitoria de Pessoal (PR-4) sobre o comunicado, sem aviso à AdUFRJ e no Dia do Professor. “Em primeiro lugar, gostaria de destacar que um dos pilares desta gestão é o diálogo e não houve e nem há qualquer interesse no contrário. A decisão do corte é judicial, e não administrativa, e havíamos sido informados pela Procuradoria da UFRJ que o Jurídico da AdUFRJ já havia sido notificado da decisão”, respondeu por mensagem a superintendente administrativa da PR-4, Maria Tereza Ramos. “O comunicado sobre o corte estava previsto para ser divulgado esta semana, com o aviso prévio ao sindicato, mas por um erro nosso infelizmente foi antecipado”, completou, sem detalhar o erro.

A pró-reitora de Pessoal, Luzia Araújo, repetiu a justificativa durante o Conselho Universitário do dia 22 e se desculpou. “Infelizmente esse anúncio saiu num dia crucial, em que deveríamos parabenizar todos os docentes pelo excelente trabalho que têm feito. Estamos juntos no aguardo de qualquer decisão do sindicato para que seja revista esta situação”, concluiu.

HISTÓRICO

Em 1989, numa época de grande inflação, o chamado Plano Verão do governo congelou os salários e extinguiu o reajuste baseado na variação da unidade de referência de preços (URP), utilizada à época. A consequência foi a retirada do percentual dos salários. A AdUFRJ, como outros sindicatos, conseguiu decisão favorável no Tribunal Regional do Trabalho para recuperar o

ximas Comissões Temporárias de Alocação de Vagas (Cotav).

Uma sugestão adicionada ao texto e proposta pelo professor Vantuil Pereira, do NEPP-DH, é que haja um ranking de unidades que possuem menos docentes negros. As vagas direcionadas para cotas seriam distribuídas, preferencialmente, para essas unidades. Esses dados estão sendo levantados em pesquisa coordenada pelo próprio Vantuil. “O ranqueamento acaba sendo mais justo e correto. É um desafio nosso colocar professores negros onde eles hoje não estão representados”, disse o professor.

Outra mudança sugerida nos concursos é a desobrigação da prova escrita. “Há outras formas de realizar essa contratação. A universidade é muito diversa e nossa seleção precisa se adequar a esta diversidade”, defendeu o professor Nelson Braga, do Instituto de Física. O tema será decidido na próxima reunião, programada para 12 de novembro. **(Silvana Sá)**

Universidades federais no topo do Enade

Instituições respondem por 67% das notas máximas do exame, mas estão sob ameaça de corte de R\$ 994,6 milhões pelo governo Bolsonaro

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Universidades e institutos federais são responsáveis por quase 70% das notas máximas do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), embora respondam por 15% das provas realizadas. A proporção deixa claro o nível de excelência do ensino superior público. E deixa mais evidente o prejuízo que o corte de R\$ 994,6 milhões no orçamento dessas instituições de ensino pode significar para a educação e para o futuro do país. Só a UFRJ terá um corte de R\$ 63,5 milhões em 2021.

As notas do exame são divididas em cinco faixas que vão de 1 a 5. Trezentos e vinte e oito cursos de instituições federais lograram o conceito máximo. Desses, nove são da UFRJ: Arquitetura e Urbanismo; Nutrição (Fundão e Macaé); Engenharia de Produção (Fundão e Macaé); Engenharia da Computação; Engenharia Civil; Engenharia Ambiental e Engenharia de Controle e Automação. A universidade teve ao todo 26 cursos avaliados: nove com conceito 5, 14 com conceito 4 e três com conceito 3.

Enquanto as instituições públicas tiveram o maior percentual de notas entre os conceitos 4 e 5 (69,6%), as faculdades

1.225 INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

**85% privadas
15% públicas**

8.368 CURSOS AVALIADOS

**76% privados
24% públicos**

511 CURSOS COM CONCEITO 5

**67% federais
18% privados
14,5% estaduais
0,5% municipais**

**DESEMPENHO
94,1% PÚBLICAS com conceitos 3, 4 e 5**

86,9% PRIVADAS: com conceitos 1, 2 e 3

privadas tiveram desempenho pior, concentrado principalmente entre conceitos 2 e 3 (78,4%). “Universidades de excelência têm graduação, pós-graduação e pesquisa interconectadas, com relação absolutamente intrínseca, em que uma interfere o tempo todo nos resultados da outra”, avalia a pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, Denise Freire.

Para a dirigente, o bom resultado no Enade tem repercussão na universidade, mas pode impactar o sistema de pesquisa como um todo. “Boas notas atraem os melhores alunos. E são esses melhores alunos que vão fazer iniciação científica e seguir suas investigações na pós-graduação. Eles melhoram nossa participação em publicações, patentes. A produção científica brasileira melhora”, afirma.

As mesmas instituições responsáveis pela maior parte das notas 5 no Enade produzem 95% de toda a pesquisa realizada no Brasil e geram as respostas mais efetivas à crise gerada pela Covid-19. “O que seria da pandemia se não fossem a FioCruz, as universidades e institutos federais, o SUS?”, questiona a reitora Denise Pires de Carvalho. “Está claro que sem as instituições públicas não há como enfrentar um desafio como este”, afirma a reitora.

“A universidade federal, pública e gratuita reafirma a cada

momento a sua qualidade e os consequentes benefícios que traz para sociedade”, completa Gustavo Balduino, secretário executivo da Andifes. “Não é acidente, é trabalho de muitos, durante muitos anos”.

FUTURO AMEAÇADO

O bom trabalho, no entanto, está ameaçado. Além dos cortes em despesas discricionárias, como pagamentos de limpeza, segurança e para fornecimento de serviços, as universidades públicas também sofrerão com os cortes anunciados para a Capes e o CNPq. A Proposta de Lei Orçamentária enviada pelo governo ao Congresso prevê uma redução de R\$ 37,3 milhões no orçamento da Capes, em comparação com 2020. E menos R\$ 114,2 milhões para o CNPq. Para completar o quadro, o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) segue com 90,4% dos recursos contingenciados. Em valores nominais, dos R\$ 5,3 bilhões disponíveis para 2021, R\$ 4,8 bilhões não poderão ser utilizados, conforme adiantou o Jornal da AdUFRJ em setembro.

“Os cortes certamente comprometem a qualidade”, reconhece Gustavo Balduino. “Que entendam de uma vez: financiamento adequado e autonomia geram resultados concretos”, completa o representante da Andifes.

Um dos desafios do trabalho é estabelecer o que é uma proporção razoável de professores negros na universidade. Segundo Vantuil, a população preta e parda do Rio de Janeiro está entre 40 e 50%. O professor sabe que não vai encontrar essa mesma proporção entre os servidores da UFRJ, mas espera identificar segmentos da universidade onde o quadro de representatividade racial seja crítico. “Vamos supor que em uma unidade há 30% de alunos negros, 15% de técnicos e 2% de professores. Há algo discrepante aí. Significa que a entrada de professores negros naquele centro é uma entrada elitizada”, explicou. Em sintonia com o que pensa Vantuil, a presidente da AdUFRJ, Eleonora Ziller, vê como positiva a maneira como as pautas raciais ganharam importância dentro do movimento sindical, e defendeu a importância do debate que a pesquisa vai promover. “Considero que estamos vivendo um momento importante, e a AdUFRJ quer muito fazer parte desse processo de pensar e construir novas possibilidades de ação, de forma a fazer um sindicalismo novo, que possa estar à altura das respostas necessárias do tempo presente”, disse. **(Lucas Abreu)**

PESQUISA BUSCA RETRATO DOS DOCENTES NEGROS

Quanto são as professoras e professores negros na UFRJ? Será que a representatividade deste grupo dentro da universidade é proporcional à sua presença na sociedade? As respostas para essas perguntas são desconhecidas, mas por pouco tempo. Uma iniciativa do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos Suely Souza de Almeida (NEPP-DH), em parceria com a Pró-Reitoria de Pessoal (PR-4) e a Ouvidoria da universidade, vai traçar o perfil étnico-racial dos servidores da UFRJ, docentes e técnicos.

“A ideia da pesquisa surgiu da falta de informações sobre recorte racial entre os servidores da universidade”, explicou o professor Vantuil Pereira, diretor do NEPP-DH e coordenador da pesquisa. Experiências de universidades públicas da Bahia, que estão fazendo pesquisas similares, mas restritas aos docentes, também serviram de inspiração para o projeto.

“O objetivo é mapear a representatividade de cor e raça nas diversas unidades da UFRJ”, diz Vantuil. O levantamento vai partir da realidade de unidade acadêmica para entender, caso a caso, as razões da ausência de professores negros naquele setor. “Medindo a representatividade, constatando o maior ou menor grau de presença de servidores negros, pode comprovar para a gente a existência de um racismo institucional”, alertou Vantuil.

“A UFRJ não é uníssona. Talvez tenhamos, no geral, uma baixa representatividade. Mas quando olharmos por unidade e centro, talvez haja unidades com 20% de professores negros”, disse Vantuil. Um dos desafios do trabalho é estabelecer o que é uma proporção razoável de professores negros na universidade. Segundo Vantuil, a população preta e parda do Rio de Janeiro está entre 40 e 50%. O professor sabe que não vai encontrar essa mesma proporção entre os servidores da UFRJ, mas espera identificar segmentos da universidade onde o quadro de representatividade racial seja crítico. “Vamos supor que em uma unidade há 30% de alunos negros, 15% de técnicos e 2% de professores. Há algo discrepante aí. Significa que a entrada de professores negros naquele centro é uma entrada elitizada”, explicou. Em sintonia com o que pensa Vantuil, a presidente da AdUFRJ, Eleonora Ziller, vê como positiva a maneira como as pautas raciais ganharam importância dentro do movimento sindical, e defendeu a importância do debate que a pesquisa vai promover. “Considero que estamos vivendo um momento importante, e a AdUFRJ quer muito fazer parte desse processo de pensar e construir novas possibilidades de ação, de forma a fazer um sindicalismo novo, que possa estar à altura das respostas necessárias do tempo presente”, disse. **(Lucas Abreu)**

NOTAS

PROFESSOR NEGA ACUSAÇÃO DE TRÁFICO DE FÓSSEIS

Nesta quinta-feira (22), pela manhã, a Polícia Federal esteve no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN) da UFRJ em operação que investiga o contrabando de fósseis da região da Chapada do Araripe, no Ceará. De acordo com o diretor do Instituto de Geociências, o professor Edson Mello, nenhum fóssil foi apreendido, visto que todos estavam devidamente registrados como propriedade da universidade, o que é legal.

O professor Ismar Carvalho é alvo da investigação, e falou com exclusividade ao **Jornal da AdUFRJ**. “Todas as coletas de material feitas na região foram autorizadas pela Agência Nacional de Mineração, e contamos com o acompanhamento de técnicos dessas agências, tanto nos

relatórios quanto nas atividades de campo”, disse o professor, que se mostrou tranquilo com a investigação. A Polícia Federal esteve na sua sala, no CCMN, onde apreendeu dois computadores e um pen drive. Os agentes também foram ao apartamento do professor à procura de fósseis e, segundo ele, não encontraram nenhum.

A decana do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, professora Cássia Turci, aproveitou a reunião do Conselho Universitário, também ocorrida nesta quinta, para comentar a operação. “Todos os nossos fósseis estão cadastrados e catalogados. Essa documentação já foi apresentada às autoridades. E o professor tinha toda a documentação necessária à

pesquisa fóssil, que também foi repassada para a Polícia Federal”, informou a decana. Ela acredita que a denúncia partiu de um professor de outra universidade, e que seja motivada por disputas locais. “O fato de a UFRJ ter o Centro de Referência Casa da Pedra, que é um centro de pesquisa em Cariri, acaba incomodando”, afirmou.

A reitoria emitiu nota oficial. “Segundo informações veiculadas pela imprensa, um dos operários investigados teria alegado que havia recebido uma espécie de ‘mensalidade’ do professor. Repudiamos a versão mentirosa e ressaltamos que todo pagamento efetuado a operários de pedreiras foi fruto de processo com completo amparo legal”, diz o texto. **(Lucas Abreu)**

MUDANÇAS À VISTA NOS CONCURSOS DOCENTES

O Consuni de 22/10 discutiu a mudança na aplicação da lei de cotas para negros e pessoas com deficiência física em seus concursos para professores. O parecer é do conselheiro Igor Alves Pinto, da Comissão de Legislação e Normas. Na apresentação, ele afirmou que a UFRJ ainda não cumpre a lei. “Sempre esbarramos em concursos muito pequenos nas unidades, em que não há possibilidade de aplicar as cotas. O que a UFRJ quer é firmar um compromisso de garantir o mínimo de 20% de cotas nos seus concursos públicos”. Para isso, a ideia é que esse percentual deixe de incidir sobre cada concurso e passe a ser calculado a partir da quantidade total de vagas docentes que serão distribuídas nas pró-

VIDAS QUE VALEM TODAS AS VIDAS

CHARLOTTE EMMERICH
Professora



Pioneira na Linguística no Brasil, a professora titular aposentada do Museu Nacional, Charlotte Emmerich, faleceu no último dia 18. Nascida em 1938, Charlotte se doutorou pela Faculdade de Letras em 1984. Sua tese

é considerada o marco inicial da Sociolinguística Indígena, tema para o qual dedicou toda a vida acadêmica, com participação ativa na luta dos povos nativos por seu direito e desejo à educação bilíngue. Incansável, coordenou recentemente a publicação do livro “Documentos do Projeto Estudo Sincrônico de Línguas Indígenas do Alto Xingu”, com material linguístico inédito e raro sobre a língua Yawalapiti, coletado há mais de quarenta anos.

JOÃO PEDRO FEITOSA
Ex-aluno de Medicina da UFRJ



A comunidade acadêmica se despediu no último dia 15 do médico João Pedro Feitosa, recém-formado no curso de Medicina da UFRJ, e vitimado

pela Covid-19. João era um guerreiro. Fez o ensino básico todo em escola pública e entrou na universidade depois de cursar um pré-vestibular social. No curso, era brilhante. Em julho de 2019, se formou com média 8,7 e “distinção de dignidade acadêmica” Cum Laude, quando o aluno finaliza a graduação na UFRJ com coeficiente de rendimento acumulado igual ou maior que 8. Durante a pandemia, João trabalhou em dois hospitais. Atu-

MEMORIAL PARA VÍTIMAS DA COVID-19

A UFRJ quer criar um memorial para homenagear todas as pessoas da universidade que morreram em decorrência da Covid-19. A sugestão foi do decano do Centro de Ciências da Saúde, professor Luiz Eurico Nasciutti, no último Consuni. A comunidade acadêmica chorou a perda de quatro estudantes, todos sem comorbidades, na última semana. Um deles é o médico

recebeu placebo e que, portanto, sua contaminação não decorre de falha no imunizante. “A pandemia está matando tanto quanto matava. Os jovens não estão protegidos! Se cuidem. Fiquem em casa. João Pedro estava na linha de frente! Profissional da saúde. E você? Por que não pode esperar acabar a pandemia?”, questionou a reitora da UFRJ, Denise Pires de Carvalho, em uma publicação na internet.

Todos às urnas em defesa das universidades

> AdUFRJ reforça a importância da participação dos docentes nas eleições do Andes-SN, que ocorrem de 3 a 6 de novembro, para enfrentar os ataques do governo federal ao ensino público

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br



Apesar de o formato da votação não ser o ideal, pois dificulta o acesso dos eleitores, a AdUFRJ ressalta a importância do voto para o fortalecimento de nossa entidade nacional, nesse momento em que as universidades públicas são alvo de vários ataques por parte do governo federal"

ELEONORA ZILLER
Presidente da AdUFRJ

Está chegando a hora. Em menos de duas semanas, os professores das instituições de ensino superior de todo o país irão às urnas (virtuais) para escolher a nova direção do Andes - Sindicato Nacional. Inicialmente previstas para maio, e adiadas por conta da pandemia do coronavírus, as eleições ocorrerão entre 3 e 6 de novembro. A atual gestão, que teve seu mandato prorrogado até novembro por conta do adiamento do pleito, cederá lugar a uma nova diretoria, que comandará a entidade nacional dos docentes no biênio 2020/2022. A posse dos eleitos está prevista para dezembro, na plenária de abertura do 10º Conad (Conselho do Andes-SN) Extraordinário.

É a primeira eleição do Andes que contempla a paridade de gênero na formação das chapas concorrentes, como foi aprovado no 38º Congresso do sindicato, em 2018. São duas chapas na disputa. Na Chapa 1 (Unidade para Lutar), as professoras Ri-



identificação. Só então ele recebe um link com limite de tempo para acesso e registro do voto. As salas virtuais contarão com a presença de fiscais de ambas as chapas.

PARTICIPAÇÃO É FUNDAMENTAL
Para a professora Eleonora Ziller, presidente da AdUFRJ, é fundamental a participação maciça dos docentes nas eleições do Andes-SN, sobretudo porque a nova direção vai atravessar os dois últimos anos do governo Bolsonaro, marcado pelo projeto de destruição do ensino público de qualidade no país. "Apesar de o formato da votação não ser o ideal, pois dificulta o acesso dos eleitores, a AdUFRJ ressalta a importância do voto para o fortalecimento de nossa entidade nacional, nesse momento em que as universidades públicas são alvo de vários ataques por parte do governo federal".

pa podem ser acessadas aqui: encurtador.com.br/rJUW0.

VOTAÇÃO TELEPRESENCIAL

Em virtude da pandemia, os delegados participantes do 9º Conad Extraordinário, realizado entre os dias 28 e 30 de setembro, descartaram a votação presencial e optaram por maioria pelo formato remoto, em modo telepresencial. Ele funciona da seguinte forma: o professor sindicalizado se apresenta, via câmera, em uma sala eleitoral virtual com um documento de

Segundo circular divulgada na terça-feira (20/10) pela Comissão Eleitoral Central do Andes-SN, estão aptos a votar 68.618 docentes em todo o país. O maior colégio eleitoral entre as universidades públicas brasileiras é o da UFRJ, com 3.847 sindicalizados.

Artigo

JOSUÉ MEDEIROS

Professor de Ciência Política e diretor da AdUFRJ



AINDA ANTIPOLÍTICA

As eleições municipais de 2020 finalmente começaram em 27 de setembro e, principalmente, com o horário eleitoral gratuito a partir de 9 de outubro. Candidatos nas ruas e redes, nas TVs e rádios em todo o Brasil. Isso é que consta nos prazos do TSE, nas agendas dos partidos, nas programações das emissoras de comunicação e nos algoritmos. Mas e na vida das pessoas? O clima é de desmobilização generalizada. A pandemia da covid-19, com seus mais de 150 mil mortos, representa um desafio novo para as campanhas. Mas além desse fator imprevisto, dinâmicas estruturais de enfraquecimento do papel ativo e mobilizador das eleições vão se impondo sem muita resistência: primeiro, a redução estrutural das campanhas. Trata-se de medida supostamente saneadora. Com menos gastos, menos dinheiro e menos corrupção. Na prática, temos uma diminuição significativa dos mecanismos que ajudavam as pessoas a ver as campanhas no dia a dia. Cartazes nas casas e postes e outdoors eram fundamentais para capilarizar o pleito nos bairros. No mesmo sentido veio o veto a showmícios e apresentações culturais e artísticas. Completando o quadro, o tempo de campanha foi reduzido bruscamente, de 90 para 45 dias, o que diminui ainda mais as possibilidades de escolha.

Para piorar, o processo eleitoral em 2020 começou com uma ofensiva das redes de televisão contra os debates entre os candidatos. O argumento das empresas de comunicação é da inviabilidade de organizar um bom embate entre os postulantes com um número tão grande de pretendentes às prefeituras, sobretudo durante a pandemia, quando as aglomerações devem ser evitadas. Não há na lei nenhum dispositivo que permita às emissoras limitar o número de candidatos presentes em um debate. Ao mesmo tempo, embora sejam concessões públicas, não pesa sobre elas nenhuma obrigação de contribuir com as eleições promovendo os encontros entre os prefeiteáveis. Quem ganha com isso tudo?

IBOPE - RIO DE JANEIRO 2016

Nulos, Brancos e indecisos

Tipo de pesquisa	23/08 1ª pesquisa	14/09 2ª pesquisa
Espontânea	76%	51%
Estimulada	25%	23%

2020

Nulos, Brancos e indecisos

Tipo de pesquisa	02/10 1ª pesquisa	15/10 2ª pesquisa
Espontânea	74%	57%
Estimulada	36%	28%

Em São Paulo o quadro de insatisfação é similar ao do eleitor carioca em 2020, o que evidencia ainda mais a diferença para 2016, quando o cidadão paulistano apresentou números melhores que os verificados no Rio de Janeiro.

Na pesquisa espontânea, o número de possíveis não votantes era de 68% na primeira pesquisa de 2016 e começou em 73% no levantamento deste ano. Já na segunda pesquisa, após o começo do horário eleitoral, o número foi reduzido para 43%, enquanto em 2020 caiu para 58%, mesmo padrão do Rio.

Nas pesquisas estimuladas, os números de São Paulo eram melhores em 2016 e assim permanecem em 2020: há quatro anos começou com 17% e caiu para 16% e agora inicia em 28% e caiu para 24%.

IBOPE - SÃO PAULO

2016

Nulos, Brancos e indecisos

Tipo de pesquisa	23/08 1ª pesquisa	14/09 2ª pesquisa
Espontânea	68%	43%
Estimulada	17%	16%

2020

Nulos, Brancos e indecisos

Tipo de pesquisa	02/10 1ª pesquisa	15/10 2ª pesquisa
Espontânea	73%	58%
Estimulada	28%	24%

Não há, obviamente, nenhuma garantia de que esses índices geram uma onda de abstenção maior que o pleito passado. Até porque os não votantes em 2016 bateram recordes. No Rio de Janeiro, o total de 42,5% dos eleitores inscritos não apareceu para votar ou votou branco e nulo, contra 34% em 2012. Em São Paulo, foram 38,5% de nulos, brancos e ausentes em 2016, e 31% em 2012.

O sentimento antipolítico não é novo, como fica nítido com os dados de 2016. Suas consequências até aqui tem sido as piores possíveis para a democracia. Não é possível analisar a vitória de Bolsonaro sem levar essa variável em conta. No mesmo sentido, não parece razoável interpretar os resultados dessa eleição para a democracia em geral e para o governo Bolsonaro em particular sem mobilizar essa variável.

BOLSONARO: ENTRE A AUSÊNCIA E A DERROTA NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2020

Na pesquisa de 15 de outubro, o Ibope apresentou os dados de popularidade do presidente Jair Bolsonaro nas capitais. Em algumas delas, sua aprovação está acima da média nacional, que é de 40%, em levantamento do mesmo instituto ocorrido em setembro. Outras aparecem na média e um terceiro grupo apresenta números bem abaixo do padrão nacional do presidente.^[1]

Em paralelo, surgem análises sobre a fragilidade dos candidatos bolsonaristas nas capitais.^[2] O argumento em geral se baseia na lógica diferente das eleições municipais, que por serem mais focadas em questões locais do que nacionais geram um eleitor mais pragmático, menos ideológico.

Se tal análise estiver correta, ela em si já deveria desautorizar projeções de que as derrotas de candidatos bolsonaristas em 2020 implicam em um enfraquecimento de Bolsonaro.

Além disso, como já argumentamos em nosso primeiro texto^[3], a direita liberal, frequentemente chamada de "centro" pela imprensa, por supostamente fugir da polarização, foi a grande vencedora do pleito de 2016 e viu seus votos migrarem para Bolsonaro já no primeiro turno de 2018.

Acreditamos que esse quadro pode se repetir em 2022. A direita liberal, ao impor sua agenda no plano nacional, "usando" Bolsonaro, termina por se aproximar demasiadamente do presidente sem ter, contudo, alguma liderança capaz de rivalizar com ele em popularidade ou carisma.

Há, por fim, a lógica política própria de Bolsonaro, que analisamos sobretudo na nossa pesquisa sobre a pandemia e a política brasileira. O atual presidente não se elegeu com uma dinâmica majoritária, em que apresenta uma narrativa para conquistar votos da maioria. Ele foi um candidato de combate, contra tudo e contra todos. No caso específico das eleições, isso se manifestou na recusa em formar alianças para os governos estaduais em 2018.

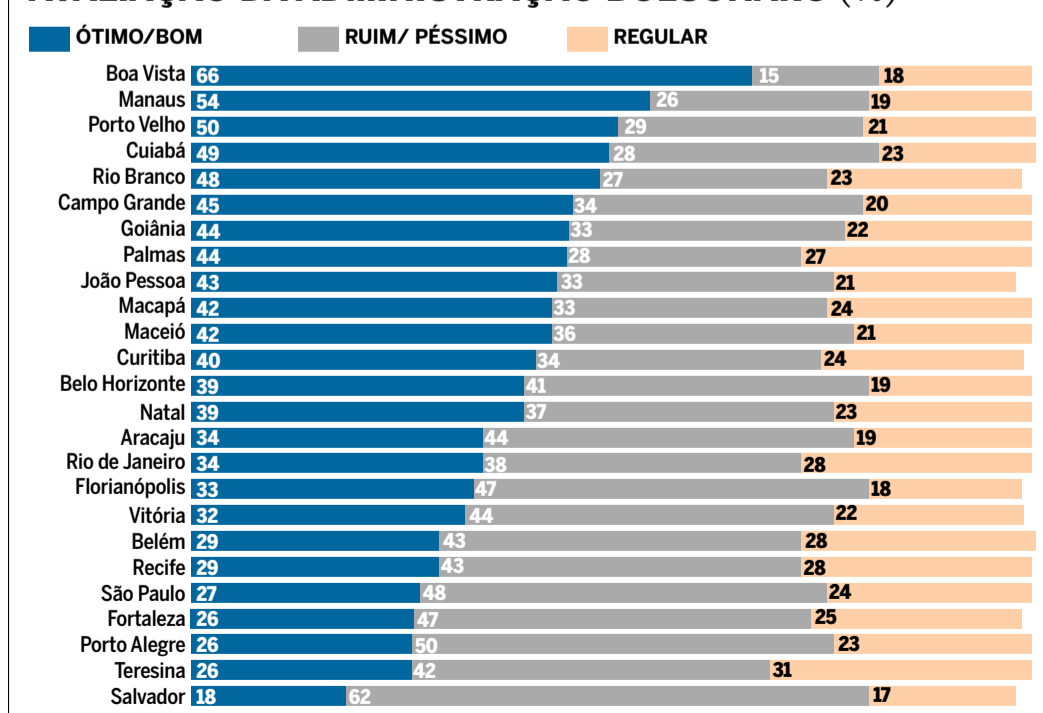
Ainda que não possa manter essa lógica em sua integridade - a tentativa de ter um projeto próprio de renda básica para mostrar nas próximas eleições é um exemplo de mudança - algo daquela estratégia vai prevalecer. Nisso, encaixa-se perfeitamente um não comprometimento ativo e aberto nem mesmo com os candidatos bolsonaristas mais orgânicos, mantendo os vínculos com essas figuras pelas dinâmicas ilegais de *fakenews* e disparos em massa de *WhatsApp*.

Em suma, convém não projetar uma derrota do presidente caso ele não eleja nenhum prefeito em capital ou mesmo cidades com segundo turno. Sem uma estratégia ampla contra seu governo e com a esquerda fragmentada, Bolsonaro seguirá dirigindo os movimentos autoritários desde a presidência. Não ter feitos a seu favor pode ajudar em muito na resistência caso esta se apresente de um modo amplo, capaz de mobilizar amplos setores sociais. Do contrário, a dinâmica de 2016/2018 tem chances de se repetir em 2020/2022.

PARA SABER MAIS

O Núcleo de Estudos sobre a Democracia Brasileira (NUDEB), laboratório de pesquisa criado em 2019 e vinculado ao Departamento de Ciência Política (DCP) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), faz análises periódicas sobre as eleições municipais em todo o país. Veja mais em <https://nudeb.ufrrj.com/>

AValiação DA ADMINISTRAÇÃO BOLSONARO (%)



FONTE: IBOPE

[1] <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2020/10/17/aprovacao-do-governo-bolsonaro-nas-capitais-varia-de-18percent-em-salvador-a-66percent-em-boavista-mostram-pesquisas-ibope.ghtml>
[2] <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2020/10/17/uol-ve-politica-polarizaacao.htm>
[3] <https://valor.globo.com/politica/coluna/bolsonarismo-a-prova-nas-capitais.ghtml>
[3] <https://nudeb.ufrrj.com/2020/08/18/eleicoes-municipais-2020-mais-uma-vitoria-do-bolsonarismo/>

NOTAS

OUTUBRO ROSA: COR QUE ALERTA PARA A PREVENÇÃO

Mobilizado pela campanha do Outubro Rosa, o Serviço de Radioterapia do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF/UFRJ) realizou até esta sexta, 23, a 1ª Semana de Prevenção ao Câncer de Mama. O evento, aberto aos pacientes que fazem tratamento na Unidade, contou com uma programação esclarecedora e humanizada. Especialistas de áreas como Mastologia, Oncologia e Psicologia foram alguns dos convidados.

"Na abertura do evento, o diretor-geral do Hospital, Marcos Freire, e o chefe do Serviço de Radioterapia, Paulo Cesar Canary, inauguraram o nosso Sino da Vitória", conta Cleide Guedes, administradora do Serviço do HUCFF. Adotado por muitos hospitais no mundo, o Sino da Vitória comemora o final das sessões de radioterapia. "Toda vez que um paciente termina de fazer uma radioterapia ou quimioterapia é como se ele tivesse terminado uma batalha na luta contra o câncer", explica Cleide.

A iniciativa, organizada pelos profissionais da unidade, alerta para os cuidados necessários com a saúde. "É muito importante esclarecer que o câncer pode estar mais perto do que as pessoas imaginam", pontua Cleide. O Serviço de



PROFISSIONAIS do Serviço de Radioterapia do HU reunidos na abertura do evento

Radioterapia costuma atender 50 pacientes por dia, número que se mantém estável apesar dos medos gerados pela pandemia. "O câncer não espera, não escolhe nem dia, nem hora, nem pessoa, nem cor, nem crença", lembra.

Cleide viveu na pele a travessia do câncer de mama. Em abril de 2019, ela foi diagnosticada no hospital onde atua

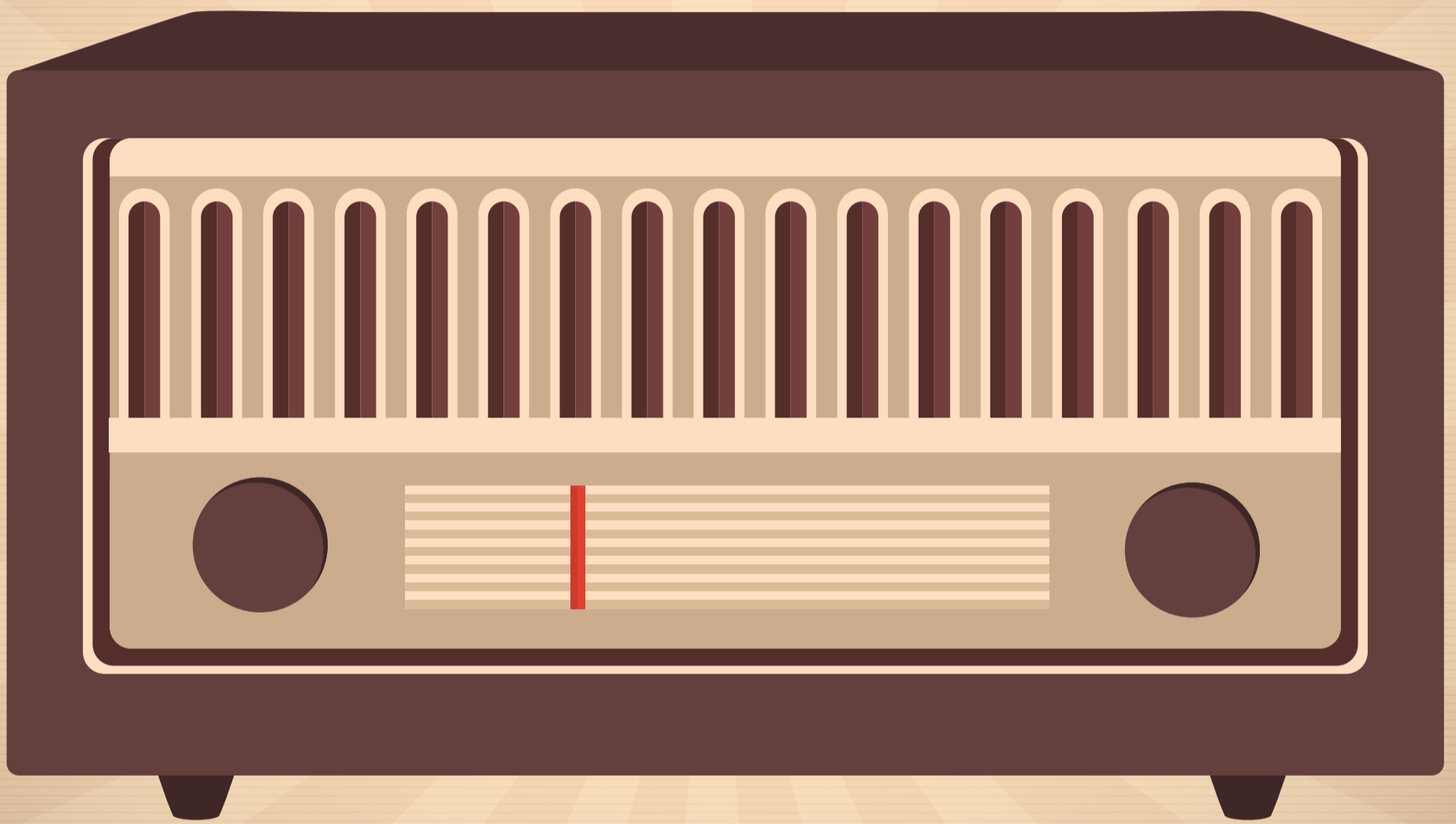
FOTO: EQUIPE DO SERVIÇO DE RADIOTERAPIA DO HUCFF

CGU PESQUISA OS VALORES DO SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

A Controladoria-Geral da União (CGU), em parceria com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), coordena um projeto que irá escolher os valores do Serviço Público Federal. A seleção será feita por uma votação entre os próprios funcionários públicos de todo o Brasil. Os servidores puderam participar com o preenchimento de um formulário eletrônico. No link, deveriam sugerir de um a três valores, além de indicar a qual órgão/entidade pertencem.

A CGU enviou para as áreas responsáveis o link, o QR code e o código para inserção do formulário em intranet. Cada órgão e entidade disponibilizou o formulário a seus servidores, que ficaram abertos até esta sexta, 23. As respostas recebidas serão consolidadas por equipes da Controladoria e da OCDE. O resultado será divulgado entre os dias 9 e 11 de dezembro. Ouvidora-geral e presidente da comissão de integridade da UFRJ, a professora Cristina Riche convidou todos os servidores da universidade à participação: "Para que registremos, como educadores que somos, quais os valores que julgamos relevantes no Serviço Público Federal", afirmou. (Kelvin Melo)

há 35 anos. "De cuidadora passei a ser cuidada. Fiz cirurgia para retirada do tumor, radioterapia e hormonioterapia", ela conta. "Eu vencil! Pois eu tive um câncer, mas ele não me teve. Peço que as mulheres se cuidem, façam o autoexame e exames periódicos. Se amem mais do que tudo", aconselha. (Kim Queiroz)



AdUFRJ no Rádio

Sexta-feira, às 10h | reprise às 15h.

www.radio.ufrj.br